

Desnutrição atinge as crianças indígenas

Tatiana Lotierzo

Morro da Saudade fica em Parelheiros, São Paulo. Do alto, a aldeia guarani é um aglomerado de casas de pau-a-pique. Descendo pela estrada de terra, é possível perceber a organização dos 600 habitantes ocupados com suas tarefas diárias. Mulheres riem e conversam enquanto colocam pequenas conchas, pedras alaranjadas e plumas no barbante que dá forma aos colares coloridos.

"Essas conchas eu comprei na cidade", explica uma delas. As penas são de galinha, tingidas de rosa choque e laranja. Colares e outras peças de artesanato, constituem a principal fonte de renda da aldeia.

Morro da Saudade não tem rede de esgoto e, para os índios, água encanada é novidade. No convívio com o homem branco, os guaranis aceitaram a imposição de certos valores. A maior parte das

casas tem rádio e luz elétrica; algumas têm televisão. As pessoas jogam futebol no campo, de calça jeans e havaianas. As crianças, ao contrário de seus pais, frequentam uma escola construída há pouco.

Poucos querem conversar, apesar de todos falarem português. O contato entre guaranis e brancos sempre envolveu tentativas de dominação. O branco tenta determinar as necessidades do índio, mas o índio sabe de que precisa e, na maior parte do tempo, suas carências não são supridas.

Segundo o médico Renato Yamamoto, do Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, 80% das crianças da aldeia são desnutridas e 50% delas apresentam um quadro de moderado a grave. Como comparação, no município de São Paulo, registram-se 20% de desnutrição infantil, sendo 3% os casos moderados e nenhum grave. "A situação é pior do que a da pior favela de São Paulo", afirma Renato.

Ele tomou contato com Morro da Saudade em setembro de 98, quando o Instituto iniciou uma parceria com a Fundação Nacional de Saúde (FNS) e entrou para o programa de formação dos Agentes de Saúde Comunitários – pessoas da aldeia que aprenderiam noções básicas de enfermagem, tornando-se capacitadas para resolver pequenos problemas de saúde.

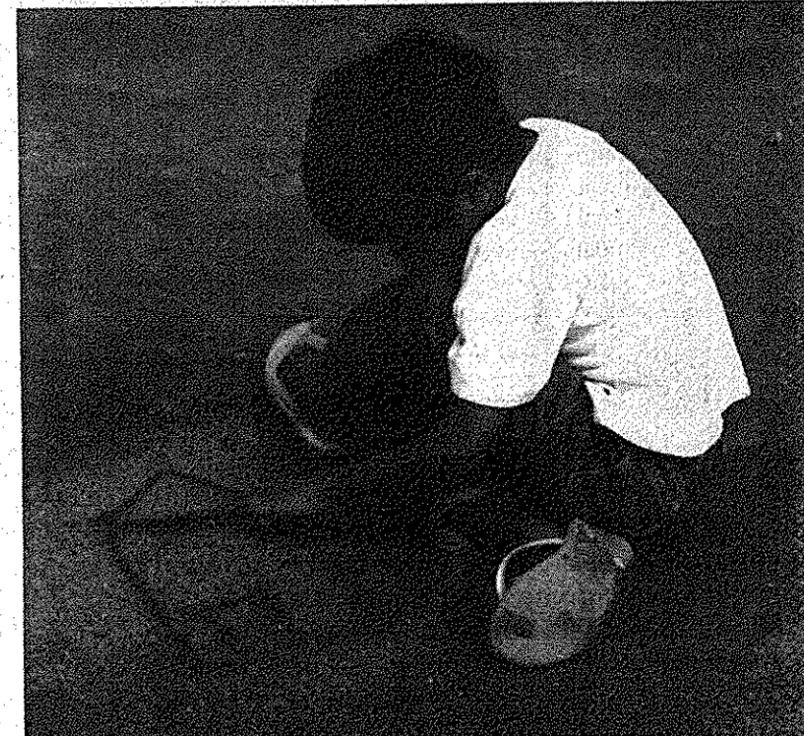
Desde então, o médico atende a crianças e orienta mães três vezes por mês num consultório improvisado no Centro Comunitário. Segundo Renato, "logo no começo, verificou-se que todas as crianças atendidas apresentavam parasitoses intestinais, diarreia e infecções respiratórias, com fortes tendências a evoluir para pneumonia, infecções de ouvido e sinusite". De acordo com o índio Joaquim de Lima, assistente de enfermagem, "desde que Dr. Renato começou a vir, 30% das crianças melhoraram". Joaquim e Re-

nato dividem a mesma reclamação: as visitas deveriam ser mais frequentes e, sozinho, o médico não pode fazer muito.

Os guaranis de Morro da Saudade não têm condições de cuidar dos casos de emergência. O hospital mais próximo fica a 18 km da aldeia e não possui médicos nem remédios. A solução é procurar o pronto-socorro de Balneário de São José, a 24 km da aldeia. Como não têm carros, os índios são obrigados a esperar uma hora pelo ônibus.

A Fundação Nacional de Saúde também enfrenta problemas: segundo uma funcionária que prefere não se identificar, "o Serviço de Saúde do Índio da Fundação conta apenas com quatro funcionários para atender a todas as 19 aldeias do Estado e apenas um tem formação em saúde. A FNS também não possui serviço de atendimento de emergências".

TATIANA LOTIERZO



Criança do Morro da Saudade desenha no chão da tribo